



**ARGENTINA /** Presidente Alberto Fernández desiste de concorrer a novo mandato e defende “ciclo virtuoso” de lideranças. Macri e Cristina Kirchner também não tentarão retorno à Casa Rosada. Cientista político avalia nomes para disputa de 22 de outubro

# Adeus à reeleição

» RODRIGO CRAVEIRO

O anúncio foi feito por meio de um vídeo de quase oito minutos publicado no Twitter. “Cabe a nós a responsabilidade histórica de fazer, com honestidade, o que nos cabe. Essa responsabilidade e esse compromisso me levam, hoje, como presidente da Nação, a estar convencido, sem espaço nenhum para dúvida, que tenho que concentrar meu esforço, meu compromisso e meu coração em resolver os problemas dos argentinos e das argentinas. (...) Desde que comecei a militar politicamente nos anos 1970, nunca coloquei uma missão pessoal à necessidade do conjunto. Como militante peronista, sempre soube que primeiro estava a Pátria, depois, o movimento, e, por último, os homens”, declarou o presidente da Argentina, Alberto Fernández, 64 anos.

“É por isso que cumprirei com essa escala de prioridades. O contexto econômico me obriga a concentrar todos os meus esforços em atender aos difíceis momentos que a Argentina atravessa”, acrescentou. Pressionado pelo peronismo, Fernández não disputará as eleições presidenciais de 22 de outubro deste ano.

“Creio que as PASO (eleições primárias obrigatórias) são o veículo para que a sociedade seleccione os melhores homens e mulheres de nossa frente, que melhor nos representem, nas próximas eleições gerais”, disse o presidente. “Necessitamos gerar um novo ciclo virtuoso, no qual outros se empoderem para voltar a conquistar os corações daqueles que seguem nos olhando como o espaço que garante que a direita não regressará, com seu pesadelo e sua obscuridade”, advertiu o mandatário, cuja imagem negativa chega a 70%, apontou uma pesquisa da consultoria Poliarquia. Em 13 agosto, os partidos políticos têm que realizar as PASO.

## Surpresa parcial

O ex-presidente Mauricio Macri (centro-direita) havia tomado a mesma decisão de não disputar o posto mais alto do país, em 26 de março. Cristina Kirchner, presidente de centro-esquerda duas vezes entre 2007 e 2015, também não

Alejandro Pagni/AFP



Alberto Fernández e a vice, ex-presidenta Cristina Kirchner, durante a posse, em 10 de dezembro de 2019: aspiração ao poder deixada de lado

Emiliano Lasalvia/AFP



O conservador Mauricio Macri celebra a vitória nas eleições de 2015

deseja retornar à Casa Rosada. Para Miguel De Luca, cientista político da Universidad de Buenos Aires (UBA), a desistência de Fernández à reeleição foi surpresa apenas parcialmente. “Há poucos dias, o presidente afirmou que competiria por um segundo mandato, e isso foi repetido por vários de seus dirigentes deste ano, De Luca afirma que os candidatos da coalizão Juntos por el Cambio (centro-direita) que mais têm chances de alcançar a Casa Rosada são Horacio

disse ao **Correio**. “No entanto, com o agravamento da crise e com o índice de inflação (7,7% em março e 104% anualizado), e em meio a rumores, alguns analistas antecipavam que Fernández poderia anunciar a decisão em breve.”

Sem Fernández, sem Macri e sem Cristina Kirchner nas eleições deste ano, De Luca afirma que os candidatos da coalizão Juntos por el Cambio (centro-direita) que mais têm chances de alcançar a Casa Rosada são Horacio

Alejandro Pagni/AFP



Patricia Bullrich, do Proposta Republicana, surge como forte candidata

Rodríguez Larreta, chefe do governo de Buenos Aires, que tem uma armação política com outros dirigentes do partido Proposta Republicana (PRO) e forma uma aliança com os radicais; e Patricia Bullrich, presidente do PRO. “Bullrich tem um discurso mais orientado à direita, de mão dura e menos amplo, a favor de reformas do mercado mais marcadas. Por parte do partido governista, o Frente de Todos, ainda não há um candidato lançado. As especulações giravam em

torno de Eduardo ‘Wado’ de Pedro, ministro do Interior, e do governador da província de Buenos Aires, Axel Kicillof. Nos últimos dias, também se falou do chefe de gabinete, Agustín Rossi, e Daniel Scioli, embaixador da Argentina no Brasil”, afirmou o especialista da UBA.

Rossi comentou a decisão de Alberto Fernández, citando o falecido ex-presidente Juan Domingo Perón, ideólogo e fundador do peronismo. “Primeiro a Pátria, depois o Movimento e, por

## » Toledo será extraditado ao Peru

O ex-presidente peruano Alejandro Toledo, acusado em seu país de corrupção e lavagem de dinheiro, se entregou na manhã de ontem às autoridades americanas para iniciar seu processo de extradição ao Peru, informaram as autoridades na Califórnia. Toledo, de 77 anos, se apresentou às 9h15 locais (13h15 em Brasília) em um tribunal federal de San José e ficou à disposição do Serviço de Delegados dos Estados Unidos (US Marshals). Em Lima, a procuradora do caso, Silvana Carrión, estimou que, “em dois ou três dias”, o ex-presidente será enviado ao Peru em um voo comercial. O político, que governou o Peru de 2001 a 2006, deixou sua residência em Menlo Park acompanhado de sua advogada e sua esposa, Eliane Karp. Uma ampla comitiva de meios de comunicação o aguardava desde cedo na entrada do edifício federal Robert F. Peckham, onde ele deveria se entregar. O ex-presidente, no entanto, conseguiu despistar os jornalistas e entrou discretamente por outro lugar. Toledo é acusado em Lima no âmbito do caso Odebrecht, mas sempre negou as acusações e apresentou várias petições para impedir a extradição que o Peru tentava desde 2018 e que os Estados Unidos autorizaram em fevereiro.

último, os homens. Assim entendem e fazem política quem sabe os lugares que ocupam por e para o povo”, escreveu no Twitter.

## Reação

A reação dos internautas ao vídeo de Fernández no Twitter, em uma postagem intitulada *Minha decisão*, funciona como um termômetro de sua popularidade. “Não! Por um momento pensei que renunciaria!”, escreveu um usuário da rede social. “Até nunca”, reagiu outro. “Não se preocupe, senhor presidente. Será lembrado para sempre como o pior presidente da história. Viva à pátria”, afirmou um terceiro internauta. E mais: “Não voltem nunca mais, por favor, já destruíram o país”.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Dois convites e uma nova turnê

Se a ideia era entrar no debate internacional sobre a guerra na Ucrânia, a viagem de Estado à China, com escala de retorno nos Emirados Árabes, rendeu exatamente isso ao governo brasileiro — com todas as consequências que se poderiam esperar. Por aqui e mundo afora, deram o que falar as declarações do presidente Lula sobre o conflito, em especial sobre uma responsabilidade compartilhada entre russos e ucranianos, bem como sobre o papel dos EUA e de aliados europeus como fornecedores de armas.

De Washington, após um breve intervalo de reflexão, veio uma resposta em tom algo mais elevado que o habitual. O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, não se limitou a criticar o presidente brasileiro por “tomar partido de um dos lados” — o errado, na visão da Casa Branca. Kirby afirmou que Lula “está papagueando a propaganda russa e chinesa sem observar os fatos”. Também a União Europeia (UE) manifestou mal-estar.

É em meio a essas reações que o presidente começa hoje a cumprir a agenda

da primeira visita oficial à Europa no atual mandato. Em Portugal, a programação “alternativa” prevê um protesto contra ele, convocado pela extrema-direita — que, como em outros países do continente, vem colecionando bons resultados eleitorais. De lá, a comitiva brasileira segue para a Espanha.

Lula retoma o debate sobre a guerra tendo na manga dois convites recebidos justamente como desdobramento da cartada feita em Pequim. Um deles foi entregue pessoalmente, no Alvorada, pelo emissário enviado a Brasília por Vladimir Putin: o chanceler Sergei Lavrov oficializou o chamado feito pelo presidente brasileiro vá a Moscou. O segundo convite foi feito em público, em resposta ao primeiro: o porta-voz da diplomacia ucraniana reiterou o chamado feito pelo presidente Volodymyr Zelensky para que Lula vá a Kiev, para “entender a realidade” da guerra.

## Negócios à parte

Os ruídos em torno da Ucrânia atravessam inevitavelmente o roteiro

original da turnê, mas não faltará espaço para abordar o tema central na agenda do país com a Europa: destravar o acordo comercial UE-Mercosul. Assinado em 2019, ao fim de duas décadas de negociações, o texto empacou na fase de ratificação pelos parlamentos nacionais dos países signatários — os quatro do bloco sul-americano e os 27 do europeu.

O assunto será especialmente valorizado na Espanha, que assume em julho a presidência rotativa do Conselho Europeu e tem importante fluxo de comércio com a América do Sul. Por essas e outras, o premiê (socialista) Pedro Sánchez pode interceder de modo a amaciar as restrições dos sócios no bloco em torno de exigências ambientais — motivadas pelo desmatamento da Amazônia sob o governo de Jair Bolsonaro.

## Festa à vista

Em Portugal, afora compromissos de interesse comercial, Lula terá momentos

de desfrute político e pessoal. Na terça-feira (25), aniversário da Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura salazarista, em 1974, ele será homenageado pela Assembleia Nacional. Na véspera, fará a entrega solene do Prêmio Camões a Chico Buarque, amigo e apoiador do presidente — além de autor de uma celebrada canção inspirada na revolta democrática dos capitães portugueses.

Embora tenha sido agraciado em 2019, o compositor e escritor não tinha recebido ainda o prêmio porque o então presidente, Jair Bolsonaro, se recusou a assinar o documento oficial. Lula, por sinal, terá um momento de desagravo com o colega Marcelo Rebelo de Sousa. Convidado no ano passado para as comemorações do 7 de Setembro, o presidente português teve um almoço oficial cancelado — por ter se encontrado com políticos brasileiros de oposição.

## Morde-assopra

Os debates do impacto potencial das diferenças em torno da Ucrânia para as relações Brasil-EUA ganharam um elemento novo — e de

peso — no fim da semana. Baixada a poeira da troca inicial de declarações, o presidente Joe Biden anunciou a decisão de pedir ao Congresso um aporte de US\$ 500 milhões para o Fundo Amazônia. O valor, a ser liberado ao longo de cinco anos, corresponde a dez vezes o total mencionado pelo presidente americano quando recebeu Lula, em fevereiro.

Nos próximos meses, haverá ocasiões para avaliar o andamento da polêmica também com os governos europeus. Lula deve voltar ao continente para a coroação do rei Charles III, no próximo dia 6. Adiante, está previsto que encontre o colega Emmanuel Macron na cúpula amazônica de agosto, em Belém. Paris integra o processo por ter parte da floresta no território (colônia) da Guiana Francesa.

Macron foi ele próprio criticado pelo que falou sobre a Ucrânia quando ele próprio visitou Pequim, uma semana antes do colega brasileiro. Em resumo, o presidente francês reconheceu o papel que a China pode desempenhar na busca por uma solução para o conflito. Dias atrás, ouviu de Biden por telefone, que o colega Xi Jinping deve ser “envolvido” no processo.